

REINTEGRAÇÃO SOCIAL DO PRESO – UTOPIA E REALIDADE

REINTEGRAÇÃO SOCIAL DO PRESO – UTOPIA E REALIDADE*

Jocevaldo Gomes dos Santos

RESUMO

Esclarece que a atual política carcerária ou a sua falta não consegue desestimular o ex-presidiário à prática do crime, não proporciona assistência nem reintegração social ao mesmo.

Defende a criação, nos presídios, de uma seção de educação física, esporte e cultura, para que o preso tenha oportunidade de desenvolver o espírito participativo, de solidariedade e de auto-estima.

Além disso, sugere a integração do preso por meio das artes e da criatividade na música e na literatura, a fim de amenizar os efeitos do estresse que o encarceramento provoca. Para isso, julga, acima de tudo, necessário o estímulo e o apoio dos que diretamente estão ligados aos destinos dos presos.

PALAVRAS-CHAVE

Preso – reintegração, ressocialização; política carcerária; sistema penitenciário; presídio.

Estou satisfeito por, após vinte anos de trabalho, alguém ter se lembrado do agente penitenciário. A sociedade vê o agente penitenciário como um preso semi-internado e não como um cidadão comum.

A polícia só é reconhecida quando atende à sociedade (na rua). Quando trabalha no sistema penitenciário (no cárcere), muitas vezes, é desconhecida até por aqueles que o dirigem. Acompanhei vários serviços de ressocialização de presos até fora de Brasília. Visitamos a FUNAP de São Paulo, para organizar uma FUNAP aqui em Brasília, porém, não conseguimos amarrá-la num contexto elaborado, por não organizarmos os estatutos.

Agradeço à Polícia Militar por ter me cedido, por um dia na semana, o Sargento músico Raimundo Neres dos Santos, que muito está nos ajudando nesse trabalho de ensino da música, que temos tentado desenvolver. Peço desculpas por reivindicar mais atenção dos diversos setores da sociedade, porque o Sistema Penitenciário está deficitário. Até os nossos instrumentos são emprestados. A nossa biblioteca tem mais de 6.800 livros, doados, e eu os levei no meu próprio carro, pois é difícil até se conseguir uma viatura.

Criamos a Fundação com a intenção realmente de angariar fundos, uma vez que a Secretaria de Segurança Pública de Brasília não nos manda verbas suficientes. Assim, procuramos definir o funcionamento e qual era a responsabilidade de uma Fundação e fomos buscar parceria.

A imagem do agente penitenciário não é muito boa. Na verdade, alguns batem, espancam, trucidam, mas

não se pode generalizar. Entrei no sistema penitenciário em dezembro de 1982; em 1984, já estava trabalhando com ressocialização, a convite do próprio diretor, pois ele sabia que eu trabalhava com artes; a partir daí, foram acontecendo várias situações interessantes.

Atribui-se ao agente penitenciário o que acontece de negativo no sistema penitenciário, mas o que acontece de positivo, ninguém reconhece que foi esse próprio agente. Fico angustiado quando penso: “De que adianta fundar uma escola, trabalhar vários anos nela, se o preso vai embora e volta. É bem verdade que somos poucos funcionários. Hoje, na Papuda, há uma média de dezesseis homens por equipe, para cuidar de 1.300 presos, o que é humanamente impossível.

Trabalho com quarenta e dois internos, com instrumentos “ditos doados”, e os perderei em breve, pois à medida que os consertamos, são pedidos de volta pelos seus donos, que não os devolvem mais.

A competência é essencial para se encarar um serviço, seja na área jurídica, da educação, do esporte, da assistência social ou qualquer outra.

Muitas vezes as pessoas apresentam pesquisas internacionais, dizendo que nos Estados Unidos, na Europa, não necessitam de pessoas para trabalhar no presídio. Aqui é diferente. Acho difícil trabalhar com pessoas que não se cumprimentam. Sou agente penitenciário e nunca bati em ninguém, e meus colegas de Brasília também não trabalham assim.

Agradeço à UnB que nos proporcionou, por meio do “Projeto Fala Interno”, o direito à fala no cárcere. Esse Projeto nos deu em média R\$ 100 mil

reais, que foram geridos pela Universidade de Brasília no seu núcleo de bioética, mas que necessita de continuidade. Para se trabalhar com aquelas pessoas, é preciso de verbas, pessoas com conhecimentos diversos, e que autoridades do ramo de política penitenciária e cultural sejam levadas a conhecê-las. Aí sim, estaríamos desenvolvendo um conhecimento e uma consciência do que é a educação para o homem, não só para o presidiário, mas para o ser humano em geral.

A Universidade Católica já nos proporcionou, em um determinado período, a oportunidade para que o preso que passasse no vestibular daquela Universidade ganhasse bolsa integral. Alguns lá estudam e outros estão aprovados, aguardando a oportunidade de serem chamados para iniciar seus estudos.

A reintegração do presidiário à sociedade esbarra em vários obstáculos, os quais inviabilizam qualquer esforço institucional de recuperação do indivíduo infrator. Nessa luta é preciso contar não apenas com uma estrutura carcerária eficiente, capaz de proporcionar ao preso uma capacitação mínima de subsistência ao ser liberto, mas também, com o apoio da sociedade, possibilitando a volta do preso à vida produtiva, aceitando-o em todos os setores da sociedade, sem preconceito em relação à conduta pregressa.

A condição de infrator tem raízes na própria desigualdade social, com suas contradições e distorções, quer no meio administrativo do governo, quer nas escolas, no trabalho, e mesmo no ambiente familiar. Uma falsa crença muito difundida nos debates sobre a reintegração do preso é a de que a família seria a tábua de salva-

* Texto com revisão do autor.

ção do egresso, onde ele receberia toda a compreensão e sustentação emocional necessária à sua plena recuperação, tal como ocorre em relação aos deficientes mentais. Essa visão parece não considerar que, muitas vezes, foram as próprias hostilidades do seio familiar que levaram o indivíduo ao crime. Portanto, a família não possuía tantas condições para fazer regredir esse trauma, principalmente porque não existe nenhum trabalho terapêutico para que os componentes do grupo familiar reflitam sobre os valores passados e presentes. O preso, ao regressar ao seio de uma família carente, será muito exigido, em virtude do fator econômico decorrente das múltiplas necessidades dos filhos e das esposas, que virão somar-se às do próprio preso. A dificuldade adicional de arrumar emprego atua como um estopim, que irá desencadear antigas emoções e frustrações, levando-o de volta ao crime. A má distribuição de renda, o abandono e o desemprego contribuem, sobremaneira, para o desvirtuamento do indivíduo pobre, que se vê à deriva, sem amparo e perspectiva de solução de seus problemas mais urgentes. As famílias, assim, vêem-se reduzidas a núcleos de vícios e disfunções sociais. Os pais não têm condições de dar aos filhos a educação que a comunidade requer, enquanto o Estado esquivava-se de cumprir seu papel constitucional de amparar a infância e os cidadãos. Desse modo, as crianças encontram hostilidade no próprio grupo familiar, cujos componentes também são vítimas de dolorosas frustrações, que acabam levando os jovens ao mundo do crime.

É comum os governantes retirarem verbas da educação para financiar propagandas políticas, muitas vezes irreais, deixando desassistidas as crianças que se enveredam pelo mundo da criminalidade. Depois, de modo sistemático, esses mesmos governantes retiram o que restou das verbas sociais para construir presídios para aquelas crianças que foram por eles desamparadas, transformando numa bola de neve o fenômeno da criminalidade, mediante abusiva e corrupta gestão dos recursos públicos.

Em face dessa política perversa, assistimos hoje ao incremento da indústria de segurança no País, que já assume a dianteira no rol dos que mais gastam com segurança pessoal. De uns tempos para cá, surgiram sofisticados mecanismos de alarmes e trancas eletrônicas para competir com o também crescente nível de sofisticação do crime. As residências ganha-

ram o aspecto de fortalezas, cercadas por altos muros, sistemas de segurança avançados, grades intransponíveis, que mantêm seus proprietários em uma clausura inestética, desfigurando a paisagem, destoando de seus jardins imponentes e do azul de suas piscinas de luxo. A solicitação de serviços de guarda pessoal cresce assustadoramente, principalmente no meio artístico e empresarial. Gasta-se em demasia para desfrutar de uma qualidade de vida medíocre e acossada pelos fantasmas dos seqüestros e assaltos, às vezes com morte, das drogas e de vários outros riscos.

Assim, pouco valeria a pena despende-se o esforço heróico no sentido de ressocializar o preso se, ao recolocá-lo na sociedade, ele viesse a encontrar o mesmo caldeirão que fermentaram, anteriormente, suas crises existenciais e o seu desespero, fazendo reincidir no mesmo crime ou em desajustamentos mais perniciosos ainda, aprendidos no cárcere.

Essa é, sem dúvida, a realidade da maioria dos centros urbanos do País, onde a política carcerária ou a sua falta não consegue desestimular o ex-presidiário à prática do crime e nem propor-

A reintegração do
presidiário à sociedade
esbarra em vários
obstáculos, os quais
inviabilizam qualquer
esforço institucional de
recuperação do indivíduo
infrator. Nessa luta é
preciso contar não
apenas com uma
estrutura carcerária
eficiente, capaz de
proporcionar ao preso
uma capacitação mínima
de subsistência ao ser
liberto, mas também,
com o apoio da
sociedade (...).

cionar a assistência de que ele necessita. Em sua maioria, os presídios carecem de instrumentalização dos recursos humanos e de materiais necessários ao trabalho de reabilitação do preso para que desenvolvam não somente sua capacidade laborativa, mas também sua auto-estima, seu sentimento de unidade e valor humano.

O argumento é sempre o mesmo: não há verba. No fundo, o que parece é haver uma desconfiança nesses métodos humanitários que pregam a solução dos problemas pelo ataque às suas causas. Historicamente, ficou consagrado no Brasil o método truculento da tolerância zero, do ataque aos efeitos em vez de às origens, invertendo-se o princípio da causalidade, como se o efeito é que produzisse a causa, pois serve de sofisma para encobrir responsabilidades. E isso soa tão bem ao entendimento anacrônico, que se inseriu nos projetos a mesma inversão de valor. Construam-se mais presídios – esse é o efeito –, em vez de construam-se mais escolas para diminuir a criminalidade – e quem não gostaria que se construíssem mais escolas? E como corolário do princípio de que semelhante atrai semelhante, quanto mais se aumenta a truculência mais aumenta a violência dos criminosos.

Propõe-se então a criação, nos presídios, de uma seção de educação física, esporte e cultura, com o objetivo de fomentar no detento, por meio do esporte e da cultura, o espírito participativo e a solidariedade entre indivíduos que dividem o mesmo espaço social, a cela, o pátio, o presídio em si. Em seguida, dar condições para que eles desenvolvam atividades criativas e possam avaliar melhor suas potencialidades humanas. Durkheim afirma que o homem se humaniza por meio da socialização. O fato social são os modos de pensar, sentir e agir de um determinado grupo social. Assim, podemos dizer que é a cultura que humaniza o indivíduo, porque o homem é também um ser cultural.

As expressões artísticas, portanto, atendem a essa aspiração criativa do indivíduo, que encontra na música, na literatura e nas artes em geral momentos de lazer, descontração lúdica, ao mesmo tempo em que constrói um saber que certamente será útil no futuro. Além disso, proporcionaria a remissão da pena, suavizando os momentos de estresse provenientes do claustro.

A análise transacional de Erik Bern ainda nos indica que a postura emocional própria do delinqüente caracteriza-se por uma rejeição de si

mesmo e do mundo. A hostilidade sofrida na infância, que é o caso mais comum, pode gerar revolta e descrença no seu próprio valor e na sinceridade das outras pessoas, fazendo com que o delinqüente tenha dúvidas, desprezando a si mesmo e aos outros. Somente quando se incrementa sua auto-estima é que o indivíduo poderá descobrir os valores em si mesmo, estendendo-os aos demais. Essa é a característica mais comum do trabalho criativo, que é um sentimento de euforia ou calma satisfação quando se dá o encontro, ou seja, a realização da forma idealizada. Essa satisfação proveniente da criação artística é que irá provar ao indivíduo o valor que ele possui e recuperá-lo aos seus próprios olhos, o que é muito importante. Tem-se, assim, a transformação.

Entretanto, para que esse trabalho seja profícuo e chegue a resultados concretos, são necessários apoio e estímulo dos que estão diretamente ligados ao destino dos presos e que possuem a responsabilidade de fazer algo pela comunidade carcerária. Apenas a compreensão dessa necessidade e a boa vontade de alguns não serão capazes de superar os obstáculos enormes que se divisam na luta pela recuperação daquele que já se julgava perdido, e talvez esteja, se não houver um esforço sincero e objetivo para dar ao preso a oportunidade de descobrir que é um ser humano com valor e importância dentro do universo.

Agora, encerro minha fala com uma poesia de minha autoria, intitulada:

A Ave de Pena Jeans

*A ave de pena jeans acostuma-se
numa gaiola, como todo pássaro que
ali nasce;
solta mau agouro no canto e no olhar,
um espanto;
do noturno rasga a mortalha, emigra-se
condicionalmente;
pisa na bola, vacila, erra e volta de novo
a ser a ave de pena jeans.*

ABSTRACT

The paper explains that today's incarceration policy, or even the lack of it, does not discourage the former inmate of the criminal practice, does not give assistance, nor promotes his/her social reintegration.

It defends the creation of a physical, sports and cultural department in incarceration institutions, in order to give opportunities to the development of a participation, solidarity and self-esteem spirit on the inmate.

Besides that, it suggests the integration of the inmate using arts and creativity in music and literature, with the objective of reducing the effects of stress caused by incarceration. To achieve this, the author believes that above all, it is necessary to have the support and stimulation of those directly related to the inmates' destiny.

KEYWORDS – Inmate – reintegration, resocialization; incarceration policy; penitentiary system.

Jocevaldo Gomes dos Santos é agente penitenciário do Centro de Internamento e Reeducação de Brasília.